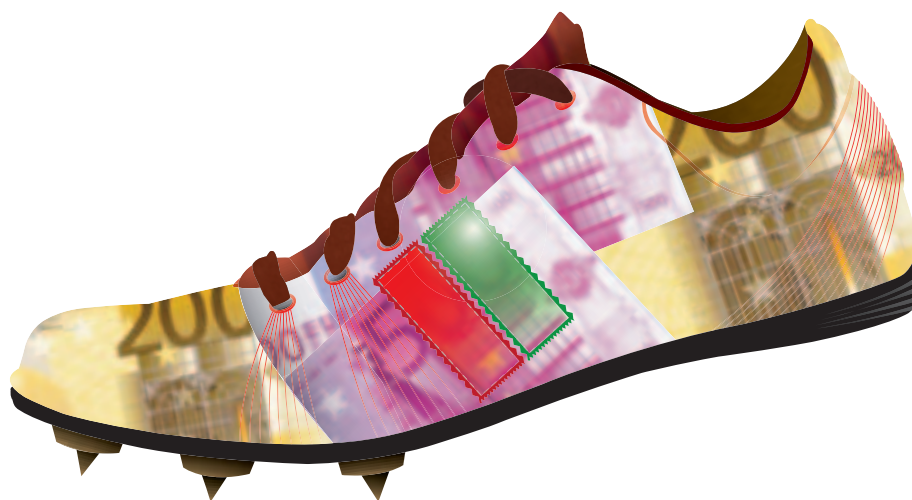


## Jogos Olímpicos

Os portugueses querem medalhas nos Jogos Olímpicos. Mas, para os atletas, estar entre os melhores já é a medalha. Portugal oferece poucas condições para a preparação. As bolsas financeiras são baixas e há falta de infra-estruturas em muitas modalidades. Os patrocínios são, na maior parte das disciplinas olímpicas, praticamente inexistentes. E há poucos clubes que contratam atletas. Muitos têm de trabalhar, ir para fora ou recorrer ao apoio dos pais. Ou lutar e acreditar. Portugal quer campeões. Mas a que custo?

**ALEXANDRA MACHADO**

amachado@negocios.pt



# CAMPEÃO

Portugal conquistou uma medalha de prata na canoagem, garantida por Emanuel Silva e Fernando Pimenta, nos Jogos Olímpicos de Londres. Portugal entusiasmou-se. Como ficou colado ao ecrã a ver os quartos-de-final no ténis de mesa, no jogo da selecção nacional contra a Coreia do Sul. E aplaudiu o sétimo lugar de Jéssica Augusto na maratona ou a repescagem para a final dos três mil metros obstáculos de Clarisse Cruz, depois de ter caído na meia-final. Portugal olhou, por momentos, para o hipismo e para o trampolim. Mas sabe quanto recebem estes atletas? E quanto custam as respectivas preparações?

Num país onde os trabalhadores vêm os seus ordenados a ser cortados, onde as regalias são cada vez menores, olhar-se para os 14,6 milhões de euros do programa olímpico para Londres 2012 parece muito. Esse é, no entanto, o valor para a preparação de quatro anos. Segundo o contrato-programa estabelecido entre o Estado (via Instituto do Desporto) e o Comité Olímpico de Portugal (COP), foram atribuídos 2,2 milhões de euros em 2009, passando, em 2010, para 3,9 milhões de euros, em 2011 para 4,3 milhões de euros e, em 2012, para 4,2 milhões de euros. É com este dinheiro que o COP paga às várias federações com modalidades nos Jogos Olímpicos e aos atletas que recebem as bolsas directamente. Mas é preciso que o atleta seja integrado no programa olímpico. E há o caso do mesa-tenista João Monteiro, que só conseguiu a qualificação em Abril, pelo que apenas recebe uma bolsa este ano. João Monteiro foi integrado em Abril como qualificado, recebendo 550 euros mensais. Segundo o contrato-programa, o praticante não integrado

no projecto que se qualificar no ano de 2012, “beneficiará do pagamento retroactivo, com efeito a 1 de Janeiro de 2012”. Também se determina que os atletas que consigam resultados nos Jogos beneficiem da bolsa até Dezembro de 2012. Pela regra, os judocas que estiveram em Londres deixarão, em Setembro, de receber a bolsa, ainda que tenham campeonatos europeus ou bons resultados noutros campeonatos. Mas Telma Monteiro ou João Pina, só para citar alguns, serão atletas com possibilidade de integrarem o programa para o Rio de Janeiro 2016. Mas até lá... Para Vicente Moura, presidente do COP, estes atletas deviam continuar a ser apoiados. Mas é o Governo que decidirá.

A bolsa para os atletas qualificados (no último escalão) é de 550 euros, subindo para 825 euros para os semi-finalistas, 1100 euros para os finalistas e 1375 euros para os medalhados. O nível de cada atleta é baseado nas suas participações ao longo dos quatro anos, sendo revisto semestralmente. O mesmo é dizer que há atletas que podem estar num nível de finalistas e cair para outro nível. “Os atletas que entram no programa têm de renovar os resultados todos os anos”, explica Manuel Bandeira de Mello, secretário-geral da Federação Equestre de Portugal, contando que Luciana Diniz, que foi à final na categoria de saltos, só passou para o escalão de finalista (nível 2) a meio do programa olímpico.

Além da bolsa paga directamente ao atleta (isenta de impostos), a respectiva federação recebe, por cada praticante integrado no programa olímpico, entre 22 e 12 mil euros anuais, consoante o escalão. Esse é o dinheiro que as Federações têm para a preparação

Continua na página 6







## Jøssica Augusto

### Uma marca garante a preparaçã

Aos 30 anos, Jøssica Augusto correu os 42,195 quilómetros da maratona nos Jogos Olímpicos de Londres, acabando na sétima posiçã. Um feito. Consegue, hoje em dia, viver do atletismo, mas isso nem sempre aconteceu. Sou atleta hã 16 anos, mas considero-me profissional hã apenas seis, diz ao Negócios, confidenciando que os atletas precisam de ter outras fontes de rendimento alòm da bolsa olímpica.

Jøssica Augusto considera-se uma atleta privilegiada, porque, no contexto actual, em que ò tã difícil encontrar patrocínios, posso contar com o apoio de uma das principais marcas de renome internacional, a Nike. E esse apoio traduz-se em produto e em bônus monetário, salienta.

Nã tendo clube, ò a Nike que tem garantido, ao longo dos tempos, condiçes para desenvolver uma boa preparaçã, nas palavras da atleta de Braga (que, no entanto, nasceu em Paris). Falando do seu caso, diz que por norma os patrocínios são suficientes para essa preparaçã. Contando com áreas como a fisioterapia, a nutriçã, os check-ups, a saãde, os produtos, o equipamento, o principal gasto [pessoal] prende-se mesmo com as deslocaçes, porque treino em locais diferentes, assim exige o planeamento.

São 24 horas de treino semanais. Todos os dias hã um treino de manhã e outro à tarde.

Os locais vão variando, entre Braga, Vila do Conde, Esposende e Maia.

Jøssica Augusto mantòm a bolsa olímpica desde os Jogos de Pequim. Mas as deslocaçes a meetings ou a competiçes internacionais acabam por ser financiadas, na maior parte dos casos, pelos organizadores dos próprios eventos.



## Joã Monteiro

### Mesa tenista teve de emigrar para ser profissional

Cerca de 360 mil portugueses estiveram três horas, no dia 5 de Agosto, colados à RTP2 a ver o jogo de tñnis de mesa, onde a selecçã disputou os quartos-de-final dos Jogos Olímpicos. Joã Monteiro, Marcos Freitas e Tiago Apolónia defrontaram a Coreia do Sul. Perderam, mas conseguiram o quinto lugar. Foi muito bom, mas podia ter sido muito melhor. As palavras de Joã Monteiro não são nãmero. Os mesa-tenistas trabalham para estar entre os melhores. Mas tiveram de sair de Portugal. Joã Monteiro, 29 anos acabados de fazer, disputa o campeonato alemã, ao serviço do FC Saar-brücken TT, e reside e treina na Academia Schlager, na Àustria. O estrangeiro foi a opçã para fazer profissã do tñnis de mesa. O campeonato em Portugal não ò profissional e faltam infra-estruturas de alto nível para que a modalidade possa ser um projecto profissional. Joã Monteiro teve de congelar a inscriçã no curso de Desporto, quando estava no terceiro ano, para se tornar mesa-tenista profissional na Alemanha. Se tivesse ficado por Portugal, seria professor de educaçã física. E os Jogos Olímpicos teriam ficado pelo caminho. Joã Monteiro foi o primeiro mesa-tenista português nas Olimpíadas. Foi debutante em Pequim e repetiu a proeza em Londres. Se continuasse em Portugal, não conseguiria nem de perto nem de longe qualificar-me, diz o atleta que, apesar de ter ido a Pequim, só foi integrado no programa olímpico de Londres em Abril. Joã Monteiro espera que o quinto lugar em Londres tenha despertado a atençã em Portugal para a modalidade que tem uma mtdia de 20/30 pessoas nos jogos. Na Alemanha são duas a três mil pessoas e com transmissã televisiva. Quero acreditar que agora se vai olhar mais para a modalidade. Espera para ver jã na terça-feira: Portugal defronta a França no apuramento para a Liga europeia.

